



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**DOUGLAS SANTOS SOUZA**

**REPRESENTAÇÕES DE IEMANJÁ NA CAPITAL BAIANA: ENCRUZILHADA  
ENTRE A NEGRITUDE E O EMBRANQUECIMENTO IMAGÉTICO**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**DOUGLAS SANTOS SOUZA**

**REPRESENTAÇÕES DE IEMANJÁ NA CAPITAL BAIANA: ENCRUZILHADA  
ENTRE NEGRITUDE E O EMBRANQUECIMENTO IMAGÉTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade Projeto de Pesquisa apresentado pelo Instituto de Humanidade e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Andrea dos Santos Soares.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**DOUGLAS SANTOS SOUZA**

**REPRESENTAÇÕES DE IEMANJÁ NA CAPITAL BAIANA: ENCRUZILHADA  
ENTRE NEGRITUDE E O EMBRANQUECIMENTO IMAGÉTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade Projeto de Pesquisa apresentado pelo Instituto de Humanidade e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 15/02/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Andrea dos Santos Soares (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Cláudia Gomes**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Santos Souza**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## **BRANQUEAMENTO**

*AUTOR: Carlos de Assumpção*

*ei brancos brasileiros  
ei latino-americanos  
vocês estão carimbados é muito tarde  
pra voltar a atrás  
por aqui  
a coisa talvez funcione  
lá fora  
não tem esse negócio  
de purificação  
de raça não  
lá fora  
é pão pão queijo queijo  
é queijo queijo pão pão  
esse artifício não pega  
lá fora  
com certeza  
vocês vão quebrar a cara*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO – TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>PROBLEMA/QUESTÃO DE PESQUISA</b>	<b>7</b>
<b>3</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>7</b>
<b>4</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>9</b>
<b>5</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>11</b>
5.1	GERAL	11
5.2	ESPECÍFICOS	12
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA DA PESQUISA</b>	<b>12</b>
<b>7</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>13</b>
<b>8</b>	<b>RESULTADOS ESPERADOS</b>	<b>14</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>15</b>

## 1 INTRODUÇÃO – TEMA E PROBLEMATIZAÇÃO

A cultura material é de suma importância para a construção de parte da história local dos grupos sociais e, conseqüentemente, para a consolidação da identidade cultural destes grupos. Os objetos possuem profunda relação com as sociedades que os produziram. Entretanto, para além do documento escrito, os artefatos eleitos enquanto exemplares da cultura material de determinada sociedade, e que podem tornar-se patrimônio cultural, não são escolhidos de forma neutra (LE GOFF, 1996).

Desta forma, a cultura material e o Patrimônio cultural devem ser analisados com um olhar crítico para não se valorizar, apenas, modelos de uma cultura dominante. Sendo assim, este trabalho intitulado como “O culto de Iemanjá na Bahia: encruzilhada entre a negritude e o embranquecimento imagético” pretende investigar questões acerca das disputas culturais em torno dessa imagem, questionando o processo desse embranquecimento de uma entidade negra e os movimentos que buscam reafirmá-la.

Uma obra é um registro, ela documenta o que aconteceu. O monumento é um espelho social, sendo assim, também podemos considerar obras religiosas como reflexos do pensamento de uma sociedade. As obras de Iemanjá branca, são um reflexo de um epistemicídio. Todas as entendidas, símbolos, forças que são cultuadas, apesar de não terem dito uma experiência humana propriamente dita, elas têm uma origem, história, cultura de uma sociedade.

Como uma cidade considerada a “Roma negra” (Salvador) ainda existe uma contradição entre ser “Roma negra” a investir no branqueamento da Iemanjá, em uma sociedade dita multicultural? Se Roma é a capital da religião católica, Salvador além de ser o centro de referência da cultura afro-brasileira e do candomblé, tem uma população majoritariamente negra, a ancestralidade africana do povo de Salvador, transpira não apenas na melanina, mas sobretudo na capacidade de reafirmação de manter a tradição, manifestações culturais, durante centenas de anos, contra a mais perversa opressão que foi a escravidão. Salvador é uma cidade que lucra a partir da comodificação da cultura negra.

Sobre essa questão, a antropóloga Elisete Zanlorenzi nos faz refletir sobre estas representações da negritude e da baianidade:

O que a alteridade pode conceber de uma sociedade que é insistentemente pintada com essa aura de magia, sensualidade, descanso, exotismo cultural e racial? O que o olhar externo pode enxergar de um local do qual se divulga que a festa é permanente, que o povo dança, canta e cultua seus estranhos deuses, durante três meses ininterruptamente, no meio da rua?. (1998:204)

As representações imagéticas que procuram embranquecer a entidade iorubana podem constituir-se como documento importante, como uma denúncia em relação à questão da intolerância religiosa, da desafricanização da cultura afro-brasileira. Ademais, a questão do embranquecimento das figuras africanas, do branqueamento da cultura de matriz africana, e o sincretismo forçado podem ser vistos como uma continuidade do projeto de branqueamento da nação brasileira. Assim, esta memória social que as representações imagéticas fornecem nos fazem melhor entender os aspectos desse processo na construção da cultura brasileira.

Desta maneira, acredito que esta pesquisa pretende fazer uma investigação das representações de Iemanjá na cidade de Salvador a partir da coleta de imagens ( fotografia) desta entidade conforme encontradas pela cidade nos bairros do Rio Vermelho, Ondina, centro de Salvador, Cidade Baixa. Com estes dados pretende-se elaborar uma análise crítica sobre as disputas ou tensões entre a representação da Iemanjá como uma mulher/sereia branca ou como uma mulher/sereia negra, identificando os fatores, os atores e as influências envolvidas nestes processos. Iremos então estabelecer uma relação das representações imagéticas com a sociedade e com o patrimônio cultural, bem como o impacto dos processos de branqueamento imagético na identidade cultural afro-brasileira. Acredita-se que entre os resultados desta investigação , esteja uma contribuição para cultura de matriz africana a partir dos exemplos analisados.

## **2 PROBLEMA/QUESTÃO DE PESQUISA**

Que disputas discursivas e imagéticas têm sido colocadas em torno das representações de Iemanjá na cidade de Salvador?

## **3 JUSTIFICATIVA**

### **Encontro com Iemanjá**

Em dois mil e dezessete, tive meu primeiro contato com a imagem Iemanjá, na festa à beira mar em Salvador no bairro Rio Vermelho, vim fotografar a festa e conhecer a cidade. Nesse mesmo ano eu estava no processo de tornana-se negro, descobrindo minha identidade negra,e conectando com minhas ancestralidade. Na festa de 2 de fevereiro em Salvador, no bairro do Rio vermelho, na praia da Paciência, uma multidão se aglomerava na rua, na calçada

e na areia da praia. Era uma grande movimentação de pessoas, vendedores de flores, no bairro do rio vermelho todo. As flores, eram o que enfeitavam o local, flores de diversas cores, brancas, azuis, amarelas, rosas, margaridas, eram um dos principais itens ofertados para Iemanjá na praia. O mar repleto de flores desenhava um manto/tapete colorido sob o mar. Na areia as pessoas com os pés descalços, com roupas brancas e azul, com colares coloridos no pescoço. Vários devotos cantavam e dançavam ao som do atabaque e palmas bastante animadas. Nesta mesma sequência o transe de um e outro devotos marcava um momento forte destacando a presença da entidade/ divindade. Ao mesmo tempo, pessoas com os pés da água ofertando suas oferendas, presentes a deusa do mar, ao fazerem pedidos, algumas dessas pessoas choravam, outras saíam sorrindo. A festa envolvia milhares de pessoas, com funções diferentes, adeptos, fotógrafos, curiosos, simpatizantes, vendedores ambulantes, o poder público, turistas, entre outros. Os presentes de Iemanjá, eram depositados em grandes cestos, depois, levados num cortejo de barco para bem longe, dentro do mar.

Foi então que tive meu primeiro contato com a imagem Iemanjá. Neste meu primeiro contato com a imagem de Iemanjá, na festa 2 de fevereiro em Salvador na Praia da Paciência, na casa de Iemanjá, por todos os cantos do Bairros Rio Vermelho existia a imagem de Iemanjá, essa imagem me trouxe várias lacunas e indagação sobre a representatividade da de Iemanjá, associada uma mulher de pele clara, cabelo liso, vestido azul, traços finos, desafricando toda uma identificação com a origem africana. A partir dessa indagação surge a curiosidade de pesquisar a comercialização do evento, a disputa de narrativa imagética dessa imagem, e fazer uma investigação etnográfica e iconografia da imagem de Iemanjá.

Acredita-se, que com essa pesquisa será possível fornecer mais dados para discussões sobre o as disputas das narrativas em torno da representação da imagem de Iemanjá, com o intuito de desconstruir essa ideia da imagem de Iemanjá branca, e fortalecer a identidade de grupos religiosos marginalizados. Além disso, a pesquisa visa entender os processos de patrimonialização, ampliar a visão crítica da comunidade e contemplar a construção de memórias da cultura Afro-brasileira.

O conceito de patrimônio cultural pode ser aplicado a qualquer bem material ou imaterial, que pertença a pessoas, instituições ou comunidades, e que seja considerada importante para a memória, história de um povo, para a consolidação de sua cultura e identidade. De acordo com o IPHAN, Patrimônio Cultural pode ser entendida como:

[...] é o conjunto de bens tangíveis ou intangíveis que constitui a herança de um grupo humano, que reforça emocionalmente seu sentido de comunidade com uma identidade própria e que são percebidos por outros como características. O patrimônio cultural

como produto da criatividade humana se herda, se transmite, se modifica e se aprimora de indivíduo a indivíduo e de geração a geração. No sentido antropológico, cultura é o conjunto de bens materiais, simbólicos, valores, atitudes, conhecimentos, formas de organização e comunicação que fazem possível a vida da sociedade e que permitem se transformar e reproduzir de uma geração a outra. (IPHAN, 2000)

A festa de Iemanjá em Salvador realizada no dia 2 de fevereiro no bairro do Rio Vermelho é uma das mais importantes entre as festas populares de Salvador, tanto em popularidade quanto em número de pessoas. A festa é organizada pela colônia de pescadores, localizada na casa de Iemanjá no Rio Vermelho. De acordo com o dossiê de registro especial do patrimônio imaterial da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECULT):

A Festa de Iemanjá, que ocorre há pelo menos noventa e cinco anos no bairro do Rio Vermelho, alcançou dimensão considerável, sendo fonte de inspiração na literatura, na arte e na música e despertando especial interesse na academia. Foi implantada por iniciativa de uma comunidade tradicional, que ainda mantém no local a pesca artesanal como meio de subsistência. Essa atividade descende de africanos que elegeram o bairro para morar e trabalhar, articulando-se naturalmente com o território e relacionando-o com a formação da sua identidade. O conhecimento de ancestrais vem sendo passado a outras gerações, tanto da atividade pesqueira como da organização e entrega dos presentes que todos os anos são ofertados à divindade que lhes protege das vicissitudes do mar e que favorece o seu sustento. (2019)

Portanto essa herança das gerações passadas necessita de uma triagem que resgate uma justiça aos criadores de uma cultura e suas manifestações. No caso do povo negro, suas criações foram/são constantemente desprezadas e quando passam a ser aceitas passam por processos de alienação, comodificação e embranquecimento.

Para além disso que fica em evidência a importância do desenvolvimento dessa pesquisa dentro do espaço da UNILAB– uma universidade pública localizada no recôncavo baiano, composta majoritariamente por sujeitos afro-diaspóricos e africanos, que construiu um outro saber, uma epistemologia contrahegemônica que propõe na nossa construção curricular do discente, descolonizando e dialogando com as questões sociais do Brasil e diáspora africana. Desta maneira, como resultado do trabalho, espera-se uma contribuição para cultura afro-dispórica, e para a memória social do povo negro.

#### **4 REFERENCIAL TEÓRICO**

A questão da representação antropomórfica nas religiões de matriz africana (representações humanizadas de orixás) Em entrevista com Edinéa Cabral da Silva, a Ialorixá

mãe Néia se posicionando sobre as mudanças na imagem de Iemanjá localizada em Vitória do Espírito Santo diz:

Na nossa fé, não temos a imagem em si. Cultuamos na Natureza, a pedra, o mar, a criação, por isso a simbologia da cor está ligada aos elementos. O azul do mar, a prata da prata, o branco do sal. É divino, não é branco nem preto. Só que pela lógica da ancestralidade, pela origem africana, o certo é representar com negra, uma mulher preta.” (2021, Rede Gazeta).

Esta declaração, conjuntamente com a observação inicial dos cultos de candomblé nos faz ver que são os elementos da natureza; a água doce, a água salgada, o vento, o fogo, as plantas, os animais, o sangue, etc os locci e energias fundamentais da religiosidade Iorubana. De qualquer forma, na contemporaneidade, a representação antropomórfica dos orixás é uma realidade concreta e é alvo de disputas em relação ao seu pertencimento racial- especialmente no caso de Iemanjá – orixá nacionalmente conhecida e a qual tem sido constantemente sincretizada com santas católicas. Neste sentido, nos parece que a representação humanizada dos orixás iorubanos são a materialização da representatividade de entidades e guias e por isso estão em disputas enquanto campo simbólico e enquanto representação de narrativas mitológicas fundantes. A representação eurocêntrica da imagem de Iemanjá, bastante popular e que evidencia a forte influência nas relações que se estabelece entre colonizador e colonizado, onde o grupo dominante – o grupo socialmente branco – procura impor seus referenciais culturais e ideais estéticos.

Ao entrelaçar a discussão acerca do embranquecimento da imagem de Iemanjá, da carnavalização da festa do 02 de fevereiro às discussões sobre patrimônio podemos ver que este último, mesmo sendo conceituado como “[...] conjunto de bens tangíveis ou intangíveis que constitui a herança de um grupo humano” é, entretanto, passível de ser usado como uma estratégia política de branqueamento e apagamento da presença e do protagonismo negro, mesmo em cidade como Salvador. Além disso, o título de "patrimônio cultural" não impede, às vezes ao contrário, que estes bens sejam comodificados.

A imagem contribui para além da representatividade, para o direcionamento de identificação, suas referências como cores, símbolos, possuindo portanto, um aspecto didático pelo seu caráter tangível. Esta representação de Iemanjá branca naturaliza o processo geral de embranquecimento da cultura negra. Ao pensar a força de uma imagem em modelar a “verdade”, Barthes pondera que:

[...] no sistema total da imagem, as funções estruturais são polarizadas; há, por um lado, um espécie de condensação paradigmática ao nível dos conotadores (ou seja, grosso modo, dos símbolos), que são signos fortes, erráticos e, poder-se-ia dizer, "reificados"; e, por outro lado, "moldagem" sintagmática, ao nível da denotação; não se pode esquecer que o sintagma está sempre muito próximo da palavra, e que é o "discurso" icônico que naturaliza seus símbolos (1990: 41)

Assim podemos pensar criticamente: se a imagem é didática- ensina algo- e seus signos , como propõe Barthes, são "fortes"; "reificados", e "naturaliza", o que se quer ensinar ao insistir na representação de uma Iemanjá branca? A partir desta indagação podemos também entender a importância da ação de grupos e pessoas, artistas negros que procuram apresentar essa Iemanjá negra- trata-se de uma disputa no campo das ideias, uma disputa sobre o que se quer ensinar sobre a formação do Brasil e o "discurso icônico que naturaliza os símbolos" do qual fala Barthes.

Um outro aspecto sobre esta discussão acerca da patrimonialização do 02 de fevereiro diz respeito à comodificação da cultura negra; A imagem de Iemanjá branca em Salvador tem uma ampla distribuição na forma de pequenas estátuas, "santinhos", camisetas visando para a comercialização durante a festa do 2 de fevereiro, a qual possui também um caráter turístico que muitas vezes dessacraliza ou inviabiliza a manutenção dos ritos sagrados originalmente propostos pela celebração dos terreiros em honra a orixá. No artigo "Só se vê na Bahia..." Pinho considera que:

A natureza, o feminino e o exótico: esta é uma equação reiteradamente associada à construção do outro colonial e à construção da diferença entre o mundo hegemônico: masculino e cultural (em oposição a natural) e o mundo dos Outros subalternos. O que se vê retratado nestas imagens não é um indivíduo X ou Y mas a presumida cultura aiana, encenada por este ou aquele conjunto de mulheres e homens que dançam, por palmeiras, acarajés e frutos do mar, praias tropicais, etc. Os descendentes africanos representam-se nestas imagens através de estereótipos perfeitos: indiferenciados, generalizantes, em situações típicas, mudos, objetificados. (1999: 102)

## **5 OBJETIVOS**

### **5.1 GERAL**

Investigar as disputas em torno das representações imagéticas de Iemanjá, buscando entender algumas temáticas relacionadas com a memória social e os conflitos em torno, patrimônio cultural e o branqueamento das figuras africanas.

## 5.2 ESPECÍFICOS

- Buscar as contextualizações históricas das representações imagéticas de Iemanjá.
- Realizar uma leitura da iconografia das imagens de Iemanjá.
- Produzir registro fotográfico das esculturas e pinturas de Iemanjá em Salvador. 12

## 6 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia utilizada será uma pesquisa explicativa, com caráter qualitativo, que busca-se a partir da festa 2 de fevereiro e da imagem de Iemanjá, entender as causas e processo das disputas das narrativas da imagem de Iemanjá na Capital Baiana. O que se presente é fazer uma etnografia visual aliada à pesquisa documental, a partir disso, elaborar uma análise crítica, buscando-se a partir das obras selecionadas, documentos encontrados e entrevista semi estruturada, entender as causas e processos das disputas de narrativas em torno da imagem de Iemanjá, pensando também na resistência a esse embranquecimento por parte sujeitos e coletivos negros.

Para auxiliar na análise da obra, utilizarei como ponto inicial a leitura iconográfica e etnográfica, as quais vão investigar, posteriormente, o diálogo mais profundo com teoria sobre memória, patrimônio e identidade.

Etnografia e iconografia são áreas da antropologia visual que analisa a imagem, “como pensa as imagens”. Para Etienne Samain (1995) a etnografia é um estudo metodológico da antropologia em que o principal foco é o estudo da cultura e o comportamento de determinado grupo social. Sobre a etnografia visual, Samain coloca que: “*Segunda possibilidade de aproximar do eixo ‘como pensar as imagens:’ o fato de que - também- toda imagem é portadora de um pensamento, isto é, veicula pensamentos.*” (2014, pg 22).

O que se pretende é fazer uma investigação dessas imagens e, a partir disso, elaborar uma análise crítica, identificando os fatores e influência desse processo, para então estabelecer uma relação da imagem com a sociedade e com o patrimônio cultural. Com isso, analisaremos o impacto desse processo da identidade cultural afro-brasileira.

Além do suporte da etnografia visual, será utilizado a técnica de entrevista semi estruturada, a qual propiciará elementos para uma análise qualitativa aprofundada. Será solicitado às pessoas entrevistadas sua autorização para gravar áudio e vídeo a fim de consolidar um acervo com os dados da pesquisa, visando, futuramente produzir um audiovisual

etnográfico, o qual, acredita-se, irá contribuir para com a cultura afro-brasileira e a identidade negra.

Abaixo apresenta-se um planejamento preliminar do passo a passo da execução metodológica desta pesquisa:

1- Levantamento do que já foi feito em termos de etnografias e trabalhos acadêmicos sobre essa iconografia da religiosidade afro baiana- sobretudo relacionada à Iemanjá;

2- Através de incursões pela cidade (De Certeau, [...]) localizar onde estão estas representações, refletindo acerca do contexto desses lugares, de como as imagens de Iemanjá aparecem e acerca de quem as produziu. Nesta etapa serão feitos os registros fotográficos das imagens encontradas;

3- Localizar os produtores dessas imagens e procurar realizar entrevistas com eles (relatos de artistas, sacerdotisas/zeladoras de axé de depoimento, entrevista semiestruturadas como essas pessoas que estão discutindo esse mesmo processo de investigação);

4- Observação participante de eventos e preparação de eventos (festas, procissões etc.) relacionados à Iemanjá e suas manifestações.

## 7 CRONOGRAMA

### 2022/2023

	1 Semestre 2022	2 Semestre 2022	1 Semestre 2023	2 Semestre 2023	1 Semestre 2024	2 Semestre 2024
Cumprimento créditos terminalidade	X	X				
Levantamento bibliográfico	X	X				
Pesquisa Etnografia Visual	X	X				
Entrevista			X			
Observação participante			X			
Organização de dados			X	X		
Análise de dados			X	X	X	
Escrita e defesa					X	X

## **8 RESULTADOS ESPERADOS**

Com essa pesquisa espera-se compreender que a cultura material pode ser utilizada como fonte de aprendizado acerca da herança cultural africana e das lutas históricas dos movimentos e coletivos negros. Acreditando-se que, entre os resultados, esteja uma contribuição para a cultura afro-brasileira a partir dos exemplares analisados.

Futuramente pretende-se criar um documentário sobre a restauração da imagem Iemanjá, e realizar uma exposição com fotografias analógicas de obras encontradas por Salvador/BA. Considera-se a possibilidade de intervir performaticamente nas fotografias que trazem a representação da Iemanjá branca através de restauros que visam restituir o pertencimento negro de Iemanjá.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso: ensaio sobre Fotografia, Cinema, Teatro e Música. RJ: Nova Fronteira, 1990

“Branca ou negra: a mudança na estátua de Iemanjá” em: A gazeta. 2021. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/capixapedia/branca-ou-negra-a-mudanca-na-estatua-de-iemanja-em-vitoria-0221> acesso 22/01/2022

FONTANARI, R. Como ler imagens? A lição de Roland Barthes. Galaxia (São Paulo, Online), n. 31, p. 144-155, abr. 2016.

FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. Dossiê de registro especial do patrimônio imaterial: Festa de Iemanjá. Salvador- Bahia. 2019. Disponível em: <http://www.cultura.salvador.ba.gov.br/images/stories/Iemanja/fgm-pms-2019-dossie.festa.ie manja.pdf> acessado em 29/12/2021

KRONES, Joachim M. Turismo e baianidade: A construção da marca “Bahia”. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/JoachimMichaelKrones.pdf> acesso em 22/01/2022

CAMPOS, Juliana B; PREVE, Daniel R; SOUZA, Ismael F. (org) Patrimônio cultural direito e meio ambiente um debate sobre a globalização, cidadania e sustentabilidade. Curitiba: Multideia, 2015. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/texto\\_especializado.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/texto_especializado.pdf)- acesso em: 30/01/2022

PINHO, Osmundo Araújo. “ Só se vê na Bahia’: A imagem típica e a imagem crítica do Pelourinho afro-baiano.” In: Brasil: Um país de negros. (BACELAR, J.; CARDOSO, C. orgs. Rio de Janeiro: Pallas, 1999. pp.102

SAMAIN, Etienne: "Ver" e "Dizer" na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia.1995. IN Horizontes Antropológicos. n. 2 UFRGS, (pp. 19-48).

SAMAIN, Etienne. 2014. Como pensam as imagens. São Paulo. Editora UNICAMP  
ZANLORENZI, Elisete. O mito da preguiça baiana. tese de doutorado em Antropologia. São Paulo. USP.1998.